

Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo: reunindo os trabalhos apresentados na jornada temática do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae (2001), essa coletânea vem dar corpo às inquietações de um grupo de analistas envolvidos com o instigante tema do feminino. Seu enigma, suas zonas sombrias, suas fronteiras, sua encarnação na cultura, seus contornos clínicos na atualidade, são pensados através de diferentes vias de pesquisa. Nestes vinte e seis trabalhos, a produção teórica de seus autores é fruto de investigações que percorrem mais de um âmbito de reflexão. Muitos deles seguem pelo campo da sexualização, outros privilegiam o território da metapsicologia, outros ainda se centram no terreno da constituição da subjetividade. Trabalhada em diferentes perspectivas, com referências teóricas diversas, a elaboração da temática do feminino avança aqui, na discussão crítica de seu estatuto de negatividade, enigma, continente negro, para afirmar-se a positividade de seu princípio.

Feminino? Qual feminino? É com essa interrogação que se inicia a conferência de abertura, na palavra de Silvia Alonso. Figura de mulher ou inominável, pulsionalidade ou processo de sexualização, sexo ou gênero?

Anunciada na fala inaugural, desdobra-se ao longo do livro, essa dimensão múltipla do problema que a psicanálise veio inaugurar: a realidade do sexo além da materialidade anatômica, como órgão capturado na dialética do desejo, o corpo construído a partir dos restos, das marcas traumáticas da história, exposto aos mitos forjados na cultura.

Enigma ou mistificação: é mesmo incontornável o feminino?

Resenha de Silvia Leonor Alonso, Aline Camargo Gurfinkel, Danielle Melanie Breyton (orgs.), *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*, São Paulo, Escuta, 2002, 360 p.

Na apresentação inicial, mapeia-se um campo, alargam-se as fronteiras de interlocução para o feminino. Através de um percurso histórico e conceitual abrangente, situam-se aqui as formulações teóricas de Freud – do desenvolvimento da sexualidade feminina ao registro da feminilidade como enigma – e os impasses deixados em sua conceitualização, para articulá-los às reformulações e aos desenvolvimentos teóricos pós-freudianos e à psicanálise contemporânea.

Nesse trajeto, somos conduzidos através dos movimentos teóricos do campo aos excessos do falocentrismo, às concepções naturalistas que essencializam o feminino, às distinções entre o feminino e a mulher, entre a sexualidade feminina e a feminilidade. Tais distinções ganham relevo no pensamento psicanalítico contemporâneo, onde o feminino emerge no primitivo, no informe, no inumano, no humano, no pulsional mais puro ou ainda articulado ao desamparo, como revelação do que existe nele de erógeno, sua face positiva, criativa (p. 23). Ainda um terceiro

caminho, surge para pensar essas distinções: a introdução da categoria de gênero na psicanálise.

O conceito de gênero, ao enfatizar a força do poder modelador exercido pela cultura em relação à própria biologia e ao indicar os sistemas de dominação dentro dos quais a diferença de gênero se constitui, vem lembrar que o destino feminino, o ser mulher e como sê-lo (p.25), sempre se ordenou, até agora, em função das definições e significações do imaginário social da mulher constituído dentro da lógica de uma hierarquia social dos sexos.

Somos, então, convidados, no final desta conferência a recuperar com maior força de sentido a afirmação freudiana: a psicanálise não dirá o que é ser mulher, mas sim como tornar-se (p.25).

Mapeado o campo, estendidas as suas fronteiras, o livro nos convoca a acompanhar as indagações que o percorrem.

Tomemos alguns de seus eixos.

De *Orlando* a *Orlan*¹, os textos que tematizam o feminino através da arte, vêm abordar aquilo que escapa ao espírito da

época, à natureza feminina forjada como essência, vêm denunciar a falácia de se pensar o corpo à margem da cultura, como ordem natural.

Nesses artigos, tanto a obra de Virginia Woolf, as expressões artísticas da *body art*, como a arte carnal de Orlan, não só evidenciam, mas vêm também localizar as angústias e o mal estar dos sujeitos moderno e pós-moderno, tal como captados pelo olhar desses artistas, na apreensão de um dado tempo.

Aqui se interrogam certos mitos culturais dominantes na modernidade, os padrões românticos do amor, os obstáculos sociais ao vir-a-ser da mulher.

Interroga-se também o estatuto do corpo, sua hegemonia na cultura contemporânea e o destino a ele reservado pelos discursos científico e cultural de nossos dias. Dentro da ética e da estética do espetacular, como referência privilegiada na definição positiva de ser, a lei da mídia compõe o perfil das identidades e dos novos corpos em sua excelência, em sua perfeição. No entanto, na recusa dos limites corporais, na banalização das práticas cirúrgicas, na alienação do próprio corpo, as forças que o habitam são ignoradas, as marcas de cada um e seus movimentos desejantes naufragam diante de uma corrida frenética em direção a um fora-de-si (p.66). Na arte de Orlan, escancarados, a violência e o horror deste espetáculo.

São outros, ainda, os recortes trabalhados, considerando o lugar problemático do corpo e do feminino em psicanálise, e seus nexos com a cultura: nas figuras clínicas, o corpo evanescente da anorexia, o corpo inteiro da histórica, o corpo pura angústia da fobia, mas ainda o

corpo grávido, o corpo sem desejo, o corpo pura imagem, lugar privilegiado dos ideais narcísicos contemporâneos. E mais: o corpo da menina para a sua mãe. O corpo da mãe para a filha mulher.

Contornos, bordas para o feminino serão criados, antecipados, imaginados no âmbito da análise. O feminino se avista também aí, na surpresa da menina diante da descoberta do gênero, na odisséia narrada pela adolescente, onde se perde, morre, enlouquece, na aventura de tornar-se.

Assim, dentre as inúmeras conflitivas em que é mergulhado o universo feminino da atualidade, tem lugar no corpo do livro, o sacrifício do corpo na figura da anoréxica.

Ao tratar do vínculo fusional com a mãe, do traço de diferenciação e dos laços de domínio, tão freqüentes nestes quadros, indica-se aqui a positividade da recusa da anorexia: recusa do alimento, pedido de palavras. Nas teses em que se apoiam esses trabalhos, a relação com o objeto, protagonizada com o alimento, expressa um combate feroz entre recusa e intensa dependência. Tais alternâncias entre o cheio e o vazio, os temas da incorporação, da devoração, da inanição - presentes tanto na resistência anoréxica, quanto na voracidade bulímica - nos faz pensar que

tais problemáticas guardam hoje, estreita relação com as formas de alienação próprias de nossa época. De certo modo, denunciam um mundo que se torna inviável pela falta de desejo e pelo excesso de objeto. A lógica do consumo, por um lado, via de acesso privilegiada da satisfação e por outro, a tirania dos modelos estéticos atuais, parecem articular-se em seus extremos na produção desses sofrimentos, formas loucas daquilo que, no entanto, é considerado ideal.

Este contexto, em que o corpo feminino se vê exposto ao ideário da imagem corporal perfeita e em que a mulher cede seu corpo para transportar os objetos de consumo, certamente faz obstáculo pensam vários de nossos autores - à construção de uma corporalidade e uma pulsionalidade desejantes.

Também as narrativas pós-modernas sobre o lugar dos gêneros, a lógica individualista de livre possessão do corpo e de domínio de si, são pensadas, em muitos textos, em suas relações com os novos mitos sobre o amor, a relação entre os sexos, a plenitude de gozo na realização pessoal.

Personagens de Fonteyne, García, Buñuel e Kubrick são evocados como figuras que vêm encarnar tanto os novos modos de apresentação da histeria, como os caminhos atuais do erotismo, associados às formas de produção da subjetividade contemporânea e ao laço

social predominante: narcísico, perverso e individualista. Através dessas figuras, de suas máscaras e desventuras, reconhecemos configurações subjetivas que alertam para o destino opaco reservado ao outro e à intersubjetividade.

Tais trabalhos vêm indicar os efeitos produzidos em nosso tempo, pela promoção social do corpo como moldura sem interioridade, pela valorização da racionalidade, do pragmatismo da ação, pela banalização da vida subjetiva e relacional, na condução das relações amorosas, eróticas e conjugais. Discute-se aqui, os esforços defensivos frente ao descontrole, às emoções, à turbulência do inesperado. E o destino disso que surpreende, que irrompe, interrompendo o discurso racional, objetivo e asséptico do encontro erótico.

Nesta direção, analisam-se a feticização e a falicização presentes no seio das relações amorosas, e as vicissitudes do pulsional que emerge, invasivo, ameaçando o equilíbrio narcísico dos parceiros. Em tais condições, diante dos afetos que transbordam contrariando os códigos oficiais das relações, é a identidade fálica que se procura restituir. Contudo, apesar do peso de tais fatores, esses escritos afirmam a construção permanente da feminilidade e a emergência do feminino, num processo que implica seqüências de identificações e rupturas com emblemas fálicos oferecidos pela cultura (p. 325). Fazer vacilar o registro fálico de

identificação, quebrá-lo, abrirá espaço para os caminhos sublimatórios, para a criação de outras formas de prazer, para a expansão do erotismo.

Dentro da coletânea enfatiza-se em muitos momentos, a ruptura operada pelo pensamento freudiano com qualquer determinação orgânico-natural da sexualidade. Ao afirmar a contingência do objeto e o polimorfismo da pulsão, desvinculando a pulsão do instinto e a sexualidade da biologia, Freud irá conceber a identidade sexual como produto de um processo. No entanto, apesar de sua concepção da sexualidade humana subverter o pensamento de sua época, o destino da feminilidade em sua doutrina permanecerá mergulhado nos preconceitos de seu tempo.

Assim, são vários os textos aqui reunidos, que vêm retomar criticamente as idéias de Freud sobre a feminilidade, suas ambigüidades, suas contradições, para fazer trabalhar certas proposições freudianas problemáticas, como a que visa atrelar a sexualidade da mulher adulta à inveja do pênis, elevando a teoria sexual infantil da primazia do falo - momento do processo de sexuação ao estado de invariante universal definidor da sexualidade feminina. Nas reflexões que aí tem lugar, vemos discutidas as possibilidades de saída do falocentrismo. Nesta perspectiva, as teorias infantis permanecem como um momento na história do percurso edípico, inscrevem marcas

indelévels na constituição subjetiva, mas não podem ser concebidas como destino inexorável, determinação última, em torno da qual se organizam os investimentos libidinais da vida sexual adulta da mulher.

Conceitualizada de forma distinta daquela que institui a equivalência filho- falo, como dominante e exclusiva, em 1932, a cadeia de equivalências simbólicas descritas por Freud em 1917 é aqui retomada para fazer mover os impasses da teoria. Com conseqüências menos restritivas para a saída feminina da mulher, a elaboração freudiana desse momento permite que a cadeia de equivalências com seu regime de intercâmbios possa ser vista como uma corrente de transmutações pulsionais que abre caminhos para o erotismo feminino, indo do nar-

cisismo ao amor de objeto, da analidade à genitalidade, do possuir ao dar e receber, da inveja ao desejo, do auto-erotismo ao mundo de intercâmbios e das trocas ao prazer compartilhado e à reciprocidade (p. 318).

Por fim, considerando os atravessamentos que a ideologia faz na teoria, assim como os atravessamentos das teorias sexuais infantis na vida adulta e das teorias inconscientes dos autores na elaboração da teoria psicanalítica (p. 214), é nesse espírito que os impasses e as distorções do pensamento freudiano sobre o feminino, serão aqui debatidos.

O livro, em seu conjunto, é belo. Belo porque conta a seus leitores, em seus escritos, de maneiras tão distintas, em tantas línguas, como o feminino está longe de uma essência, como é feito de pedaços, de busca, de invenção.

Escritos que procuram apreender o feminino na fluidez de suas caras, de suas possibilidades, na trajetória de suas inúmeras transições: a mulher como imagem demoníaca, a feiticeira, a possuída, os modos femininos de amar, a cândida, a recatada, a mulher como figuração da Morte, emergência fora-da-linguagem, paradigma da criação.

De certo modo, o livro faz pensar na alegoria de Agrado,

personagem do filme de Almodóvar, *Tudo sobre minha mãe*. Ali, enquanto discursa, conta a seus ouvintes, o preço que pagou por cada parte de seu corpo – da pele à silhueta – para transformar-se em mulher. Faz pensar ainda, no tributo final do mesmo filme, onde se homenageiam as formas mais inusitadas por onde o feminino pode espreitar:

" A Bette Davis, Gena Rowlands, Romy Schneider... para todas as atrizes que interpretaram atrizes, para todas as mulheres que representam, para todos os homens que representam e se tornam mulheres, para todos aqueles que querem ser mães e, para a minha mãe."

Notas

1. Orlan, artista plástica performática, é professora da Escola de Belas Artes de Dijon, França. Desde 1990, vem se submetendo a cirurgias-performances, através das quais modifica seu corpo e transforma sua imagem. Afirma que a Arte Carnal não se interessa pelo resultado plástico final, mas pelo corpo modificado, tornado lugar de debate público.

Rubia Maria Tavares Delorenzo é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e professora do curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.